

_ [•fÍCIELS 'telÍCE] _ PROCESSO OU DESVIO? ¹

Tania Mikaela GARCIA (PG-UFSC)*

1. Introdução

A busca por informações que auxiliem na compreensão da aquisição das estruturas do componente fonológico, muitas vezes, é prejudicada pelo hermetismo característico de muitos trabalhos na área. Desta forma, tem-se a intenção, com o presente artigo, de explanar de modo bastante simplificado, num caráter introdutório ao assunto, os processos fonológicos e os desvios fonológicos, sob uma ótica reflexiva a respeito da diferenciação entre ambos.

Para tanto, apresenta-se o trabalho com auxílio de exemplos ilustrativos retirados de um *corpus* coletado a partir da bateria de testes elaborada por Scliar-Cabral (2003a).

Inicia-se com uma breve exposição sobre a aquisição das estruturas do componente fonológico. São apresentadas as unidades do componente fonológico. Em seguida, os processos fonológicos são explicados e exemplificados. Faz-se uma rápida explanação da organização da bateria de testes aplicada para coleta dos exemplos apresentados. Finalmente, expõem-se considerações sobre os processos clinicamente chamados de desvios fonológicos, fazendo uma série de questionamentos sobre o assunto, com o intuito de contribuir para uma postura adequada frente à questão.

2. Aquisição das estruturas do componente fonológico

Em se tratando de linguagem, como afirma Aimard, “[...] os processos de aquisição não podem ser artificialmente isolados dos comportamentos de comunicação, do desenvolvimento global da criança

* mikaela@terra.com.br

e do contexto. Aquisições lingüísticas e extralingüísticas estão intimamente ligadas" (1986: 35). Da mesma forma, não se pode pensar que no processo de aquisição da linguagem, cada componente seja adquirido isoladamente. Sendo a língua um sistema que se organiza por meio de regras, a aquisição das estruturas dos componentes sintáticos, morfológicos, fonológicos e semântico-lexicais se dá simultânea e gradativamente.

O recorte que se faz na explanação da aquisição das estruturas do componente fonológico é, portanto, puramente didático, no intuito de buscar respostas para algumas das especificidades desse subsistema da língua, e a exposição que se faz aqui é bastante breve e simplificada, com o objetivo apenas de expor o quadro do processo de aquisição.

De acordo com Aimard, antes da aparição da linguagem propriamente dita, há a *prelinguagem*. O autor salienta que, apesar de anterior à linguagem, a prelinguagem "[...] implica que exista, já, uma certa forma de linguagem, o que esplendidamente dá conta de tudo o que é aspecto da comunicação antes que esta possa adquirir formas convencionais da linguagem" (1986: 36).

Com poucas horas de vida, uma criança já é capaz de distinguir a voz humana de outros sons. Com poucas semanas, o bebê já reconhece a voz materna, sendo capaz de responder a estímulos relacionados ao padrão prosódico de sua língua. Nos dois primeiros meses de vida, os bebês emitem gritos, que vão variando a cada dia. Nesta fase, os bebês são capazes de perceber até mesmo sons que não vão fazer parte da sua língua.

A partir dos dois meses de vida², os bebês iniciam o que se chama *período de balbucio*. O balbucio, segundo Jakobson (1941 *apud* Lamprecht, 199?: 4), constitui-se em produções sonoras efêmeras em que os bebês emitem sons variados, inclusive sons que não pertencem ao sistema de sua língua materna. A este período de "balbucio selvagem", segue um "ordenamento", nas palavras de Aimard (1986: 40). O bebê começa, então, a identificar os sons específicos de sua língua, perdendo a capacidade de perceber sons de línguas diversas.

Ao período de balbucio segue o da lalação, que durará até aproximadamente os dez ou doze meses de vida. A lalação consiste, de acordo com Pichon (*apud* Launay 1989: 18), em uma “atividade lúdica, um exercício durante o qual a criança sinta prazer em desfrutar o funcionamento de seus órgãos”. É durante este período que a criança vai conseguir obter um controle dos padrões fonoarticulatórios e das unidades rítmicas de sua língua.

A fase holofrástica vem em seguida, constituindo-se no período em que a criança emite as primeiras palavras. Nesta fase, a criança expressa conceitos ou predicações com apenas uma palavra. Por volta dos dois anos, a criança já começa a se expressar com duas palavras, que, neste período, são geralmente monossílabos.

Durante o período de 2 a 3 anos, a criança amplia, a um ritmo rápido, seu estoque de palavras e frases, imitando a linguagem adulta, mas não chega ainda a uma realização fiel, em decorrência de sua incapacidade prática.

A maioria das crianças passa, então, por uma fase de “fala-bebê”, cujas características principais são bem conhecidas. (Launay 1989: 24)

As características citadas por Launay estão relacionadas aos processos fonológicos explicitados na seção 4 deste artigo.

O processo de aquisição da linguagem não pára, evidentemente, por aí. Não cabe, entretanto, a este trabalho avançar nas explanações sobre o assunto. Para mais detalhes, sugere-se a leitura de Aimard (1986), Boone (1994), Cupello (1993), Jakubovicz (2002), Kato (1999) e Launay (1989).

3. As unidades do componente fonológico

Pequenas variações podem ocorrer na pronúncia de uma palavra, sem que, com isso, ela deixe de ser a mesma palavra. Essas variações são

inevitáveis, pois um mesmo indivíduo pode pronunciar uma mesma palavra de diferentes formas. Tome-se como exemplo a pronúncia da palavra “tia” por um gaúcho e por um ilhéu, de Santa Catarina, em que o início da palavra terá duas realizações distintas. Em cada realização, tem-se um fone diferente, entretanto, tal diferença não fará com que se altere o significado da palavra. Daí surge a noção de *fonema*, que seria uma entidade abstrata na qual poderiam ser “alocadas” todas as possíveis realizações (fones) que não implicassem mudança de significado.

Os fonemas, unidades abstratas de valor distintivo na língua, são, assim, conjuntos organizados de traços (propriedades), em número finito em cada língua, que, combinados de acordo com certas regras, formam as palavras. Sabe-se, dessa forma, que as palavras *bote* e *pote* se diferenciam por um único fonema e que, por sua vez, esses dois fonemas, /p/ e /b/, diferenciam-se entre si por um único traço distintivo: a sonoridade³.

De acordo com Hernandorena (1999: 27), a primeira tentativa de estabelecer uma taxonomia das propriedades fonéticas dos contrastes distintivos empregados pelas línguas do mundo surgiu com Trubetzkoy, na Escola Lingüística de Praga. Em 1952, Jakobson, Fant e Halle sistematizaram um modelo de traços distintivos binários que se alicerçava em oposições funcionais. Em 1968, Chomsky e Halle, na tentativa de rever alguns aspectos do modelo em vigor, propuseram um sistema que distinguiu funções fonéticas e fonológicas dos traços, em que, no nível fonético, eram concebidos como escalas físicas; e no nível fonológico, por terem função distintiva, eram binários: [+] a presença ou [-] a ausência do traço.

Os traços distintivos elencados por Chomsky e Halle, entretanto, eram combinados sem qualquer tipo de organização na formação de um fonema, o qual por sua vez era definido, na época, como “um feixe de traços”, o que passava essa idéia de “amontoado” de traços dispostos sem critério específico.

A Fonologia Autossegmental, especificamente a Geometria de Traços, tem como um de seus principais sustentáculos, conforme salienta

Hernadorena (1995), que há uma hierarquização entre os traços que compõem determinado segmento da língua⁴. Assim, esses traços, que podem funcionar isoladamente ou como um conjunto solidário, estariam ordenados de modo a alguns serem mais “centrais” ou mais periféricos.

A criança, no processo de aquisição das estruturas do componente fonológico, consequentemente, da linguagem, conseguiria perceber o valor distintivo de alguns traços (mais centrais) antes que o de outros (mais periféricos), o que explicaria, de acordo com o modelo teórico, a presença dos processos fonológicos típicos desse período de aquisição (Hernadorena 1995).

4. Processos fonológicos

No processo de aquisição da linguagem, à luz do modelo da Geometria de Traços, as estruturas fonológicas vão sendo adquiridas pela criança gradativamente, assim como os traços, através de processos de ligação e desligamento com outros. A “criança vai construindo sua fonologia pela ligação gradativa de traços fonológicos à estrutura interna dos sons da sua língua” (Hernadorena 1995: 99).

Assim, o que muitos tomam por *erro* são alterações sonoras chamadas de processos fonológicos, típicos em fase de aquisição da língua.

Há uma variada gama de processos fonológicos elencados pelos estudiosos, dentre os quais se apresentam, inicialmente, neste artigo os citados por Cagliari (2002), havendo em seguida uma complementação com outros processos mencionados em trabalhos diversos.

A maioria dos exemplos utilizados para ilustrar cada processo foi obtida através da aplicação de uma bateria de testes, como já mencionado. Os detalhes sobre a coleta dos dados aqui apresentados são expostos na próxima seção.

Dentre os processos apresentados por Cagliari (2002), constam:

- a) Assimilação: esse processo ocorre quando um fone assimila um ou mais traços de outro fone próximo, tornando-se mais

semelhante ao fone com traço “copiado”. É o que acontece com os exemplos coletados [‘brəbʊ] e [‘vo)mos], realizações feitas a partir da solicitação de leitura dos itens lexicais “bravo” e “vamos”. No primeiro, o [v] do início da segunda sílaba assimilou o traço [-contínuo]⁵ do [b] da primeira sílaba, que era a única distinção entre ambos. Tal assimilação fez com que os dois fones ficassem iguais. Assim, de [‘brəvv], ficou [‘brəbʊ].

No segundo caso, o fone [ã] da primeira sílaba assimilou dois traços do fone [o] da segunda sílaba, a saber: [+ posterior] e [+arredondado]⁶.

Faz-se necessária a observação, a partir dos dois exemplos dados, de que o processo de assimilação pode ocorrer em ambas as direções: um fone pode assimilar traços de outro fone anterior ou posterior a si na cadeia da fala.

- b) Desassimilação: esse processo consiste na situação oposta ao processo de assimilação, ou seja, um fone perde um ou mais traços para se distinguir de outro fone próximo a ele. Assim como na assimilação, isso pode acontecer em ambas as direções, como pode ser visto nos exemplos a seguir.

Cagliari cita como exemplo o caso de duas vogais iguais que se encontram e fundem-se em um ditongo, como na palavra “vôo” ![‘vow].

- c) Inserção (ou epêntese): esse processo consiste no acréscimo de um segmento (fone) à estrutura silábica. Ocorre muitas vezes para regularizar itens lexicais que fogem a estruturas silábicas aceitas no português. Algumas consoantes, por exemplo, não são aceitas em final de sílaba (posição de coda). Assim, uma vogal (chamada vogal epentética) é inserida entre essa consoante e a consoante seguinte, de modo que a estrutura silábica seja aceita. Cagliari (1998: 77) apresenta como exemplos as palavras “técnica” !['tEkinikɔE] e “afta” !['afitɔE], em que a vogal [i] regulariza a

estrutura silábica das palavras, uma vez que as consoantes [k, f] não podem ocupar posição de coda em Português. Chama a atenção, no primeiro exemplo, tal regularização provocar uma outra irregularidade: o fato de a sílaba tônica cair antes da antepenúltima sílaba. Este problema, no entanto, não é objeto do presente estudo, de modo que novamente se sugere a leitura de estudos sobre sílaba para mais esclarecimentos sobre a questão. Outras vezes, uma vogal epentética, não necessariamente [+alta], instala-se entre encontros consonantais não previstos no padrão silábico da língua. É o caso dos exemplos: “pneu” ‘![pe`new] e “advogado” ‘![adevo`gadu].

- d) Eliminação (ou apagamento, queda, truncamento): oposta à epêntese, a eliminação consiste na supressão de um segmento. Os exemplos obtidos na aplicação da bateria ilustram situações bastante comuns de apagamento: “tomou” ‘![to`mo], “roupa” ‘![ropOE] e “touca” ‘![tokOE]. É muito freqüente a queda da semivogal [w] antecedida da vogal [o]. O mesmo não ocorre quando a vogal que antecede é outra. A eliminação da semivogal também se dá em ditongos com semivogal [j], como em “queixo” ‘![‘keSu], “loira” ‘![‘loRŒ]. Dependendo do fonema posterior ao ditongo, entretanto, a eliminação da semivogal não será possível: “leite” ‘![‘lejtj].

Outras situações comuns de apagamento merecem destaque, como a queda do |R| final dos verbos na forma infinitiva, “tomar” ‘![to`ma], “beber” ‘![be`be], “partir” ‘![par`ti]; ou a queda do /R/ em alguns encontros consonantais, “problema” ‘![po`blemOE]; e, ainda, a queda da vogal [i] em sílaba final átona, ocasionando estruturas silábicas que fogem ao padrão do Português, como exemplifica Cagliari (1998: 76): “lápis” ‘![laps], “pote” ‘![‘p•tH] ou [‘p•tS], e “ônix” ‘![‘oniks].

Cabe a esta altura uma pergunta: em vocábulos grafados diferentemente da estrutura silábica comum ao Português do

Brasil (citem-se alguns dos exemplos já mencionados no artigo, tais como *advogado*, *pneu*, *técnica* e *ônix*), o que se deve tomar como referência para a identificação do processo fonológico presente? Se a realização é [pl̚ new], tem-se epêntese? E se a realização é [pnew], tem-se um apagamento? Não fica claro, nesses casos, o que está sendo tomado como base para se atribuir o processo fonológico presente no vocábulo⁶. Cabe salientar que não parece adequado tomar a forma escrita como referência para tal decisão. Apesar de haver uma intuição fonológica bastante expressiva na ortografia do Português, o que Scliar-Cabral (2003b: 75) apresenta com muita propriedade quando menciona a “[...] representação gráfica do arquifonema |S| em final de sílaba interna; a do arquifonema |R| em qualquer posição [...]”, dentre outras evidências, não se podem confundir princípios fonológicos e princípios ortográficos de uma língua.

- e) Comutação (ou metátese): esse processo consiste na troca de dois segmentos dentro do vocábulo, o que pode se dar na mesma sílaba ou em sílabas diferentes. Na aplicação da bateria de testes, os sujeitos, ao serem submetidos à leitura de palavras inventadas (os chamados logatomos), a fim de que se verificassem algumas aplicações de regras de correspondência grafêmico-fonológica⁷, realizaram: [‘lutCE] para a leitura do logatomo “latu” e [‘duspCE] para a leitura do logatomo “dupas”. Cabe salientar que, apesar de as metáteses exemplificadas constituírem-se de trocas relativas a uma referência escrita (no caso, o vocabulo a ser lido), a comutação não precisa necessariamente deste vínculo com o código escrito. É muito comum, na cadeia da fala, aparecerem realizações como [‘dRe)tu] para “dentro”, [paka ‘seti] para “capacete”, dentre outros.
- f) Enfraquecimento (ou redução): Cagliari (2002: 102) define enfraquecimento como uma “articulação mais frouxa”, ou, ainda,

“de menor esforço”. Apesar de ele mesmo não gostar dos termos utilizados. O autor exemplifica mencionando a troca de um fonema bilabial oclusivo [b] por uma bilabial fricativa [B] em início de vocábulo.

g) Fortalecimento: de acordo com Cagliari (2002: 102):

Trata-se de um fenômeno com as características contrárias do enfraquecimento. Por exemplo, quando uma fricativa torna-se oclusiva, tem-se um fortalecimento. O caso de uma vogal que se torna uma consoante também pode ser interpretado como um fenômeno de fortalecimento.

De acordo com o autor, o primeiro exemplo citado no artigo, [‘bRabu], é um caso de fortalecimento. Cabe mencionar, a esta altura, que os processos nem sempre ocorrem de forma isolada, podendo se dar concomitantemente, ou serem um consequência de outro. Assim, no mesmo exemplo em que se vê uma assimilação, percebe-se um fortalecimento, como no caso exposto. É possível afirmar ainda que alguns processos estão inseridos em outros, de maior amplitude. E, mais, autores diferentes podem atribuir denominações diferentes para um mesmo processo.

- h) Palatalização: “um segmento torna-se palatal ou mais semelhante a um som palatal ao adquirir uma articulação secundária palatalizada (do tipo [tJ]), ou africativizada (do tipo [tS]) [...].” (Cagliari 2002: 102-103). Assim, na realização [‘Ze)tSi] para o item lexical “gente”, há um processo de palatalização.
- i) Labialização: esse processo ocorre “[...] quando uma articulação secundária de arredondamento é acrescentada à articulação primária ou, ainda, quando há a troca de um segmento não labial

por outro labial” (Cagliari 2002: 103). A realização [‘vo)mos] para a leitura do vocábulo “vamos” é um exemplo de labialização da primeira vogal ocorrida por assimilação do traço [+arredondado], ou melhor, traço [+labial] da segunda vogal.

As consoantes seguidas das vogais /U,O,ɔ/, por sua vez, podem tornar-se labializadas, porque já há a preparação para realização da vogal antes mesmo da emissão da consoante.

- j) **Retroflexão:** esse processo consiste no “[...] acréscimo de uma articulação secundária retroflexa à articulação primária de um segmento ou [n] a troca de um segmento não retroflexo por outro retroflexo” (Cagliari 2002: 104). De acordo com Dubois *et al.* (1999, p. 522), um fonema retroflexo “[...] é aquele cuja articulação implica à elevação do reverso da ponta da língua em direção ao palato”. Assim, no exemplo dado, há retroflexão, assim como na realização do |R| final de sílaba em algumas variedades do Português do Brasil. A pronúncia do |R| nessas variedades ficou popularmente conhecida como “R caipira”: [ko)vi`da}].⁸
- k) **Harmonia vocálica:** conforme Cagliari (2002: 104), a “[...] harmonia vocálica é um tipo especial de assimilação que faz com que vogais tornem-se mais semelhantes entre si [...]. Tomando-se, assim, o exemplo dado anteriormente, tem-se em [‘vo)mos] um processo de harmonia vocálica. A harmonia vocálica também está presente nas realizações [k•Ra`sɔE)w] e [mi`ninɔE].⁹
- l) **Sândi:** de acordo com Scliar-Cabral (2003b: 176),

O sândi, assinalado pelos gramáticos hindus, é a mudança fonética que sofre um segmento quando estiver em final de vocábulo ou em final de morfema, no interior de um vocábulo, por influência do contexto fonético circundante. No primeiro caso se chama sândi externo e, no segundo, sândi interno.

Cagliari (2002: 105) enfatiza a transformação de estruturas silábicas nesse contexto. Assim, tem-se como exemplo de sândi interno [tRCE]za 'tICE)tiku], em que o fonema final do prefixo “trans” é realizado como [z] por causa da vogal seguinte /a/, que possui traço [+sonoro], diferentemente do que ocorre em [tRCE)sfe 'Rir], em que o fonema se realiza como [s]. Um outro exemplo de sândi interno é o que acontece com o |R| que marca o infinitivo dos verbos, em caso de mesóclise¹⁰, que é substituído por um /l/ o qual é registrado ortograficamente junto ao pronome, que rompe a estrutura verbal, inserindo-se entre o tema e a desinência: “Mandá-lo-ei à farmácia”, e não “mandarei-o à farmácia”.

Em casos de sândi externo, ocorrem mudanças como as que podem ser evidenciadas a seguir: se tomados os vocábulos isoladamente, na expressão “com a gente” têm-se três vocábulos distintos. No entanto, é possível que tal expressão se realize da seguinte forma: [kwa 'Ze)tSi]¹¹. O sândi provocou a união dos vocábulos átonos (*come a*) ao vocábulo *gente*, de modo que ocorre a realização de um único vocábulo fonológico¹². O [õ] deu lugar a uma semivogal [w] que se uniu ao /a/, formando um ditongo crescente¹³.

Diferentemente da organização de processos fonológicos feita por Cagliari (2002), apresenta-se a seguir o elencamento proposto a partir de categorizações realizadas por Ingram, Grunwell e Yavas, de acordo com Santos (1998), sendo constituído em dois grupos.

No primeiro grupo, encontram-se basicamente processos de epêntese, metátese e de apagamento. Este último é destrinchado pela autora como redução de encontro consonantal, apagamento de sílaba átona, apagamento de fricativa final, apagamento de líquida final, apagamento de líquida inicial, apagamento de líquida intervocálica e apagamento da transição nasal.

No segundo grupo encontram-se, além do processo de assimilação, mencionado por Cagliari (2002), outros processos que merecem mais detalhes:

- a) Dessonorização: esse processo consiste na perda do traço da sonoridade. Na aplicação da bateria de testes, pôde-se evidenciar este processo nas realizações das leituras dos logatmos “pudo” '!['puto], “noga” '!['n·kɔ̃], “zogo” '!['sogo] e “gueta” '!['ketɔ̃].
- b) Substituição de líquida: também conhecido como *rotacismo*, este processo consiste basicamente da permuta entre /R/ e /l/ e vice-versa. Entre os dados coletados, têm-se “cérebro” '!['sElebRu] e “problema” '!['pobRemɔ̃] como exemplos de rotacismo.
- c) Semivocalização de líquida: consiste na substituição de uma líquida por uma semivogal. Exemplo: “carne” '!['kajni] (Santos 1998: 36).
- d) Anteriorização: consiste na substituição de um fonema por outro mais anterior, por exemplo, a troca de uma velar por uma alveolar ou de uma palatal por uma labial, dentre outras possibilidades de substituição. Entre os dados coletados, são exemplos de anteriorização “encabulado” '!['e)jtabu'lado] e “saco” '!['faku].
- e) Plosivização: consiste na substituição de uma fricativa ou africada por uma plosiva. Exemplo: “chave” '!['tavi] (Santos 1998: 36).
- f) Posteriorização: consiste no oposto ao processo de anteriorização, quando um fonema é substituído por outro mais posterior. Entre os dados coletados, observou-se um único exemplo: “debaixo” '!['di'baxu]¹⁴.

Dentre a possível listagem de processos existentes, estão todas as possibilidades de mudanças entre os diferentes fonemas, no que se refere a seus traços distintivos, pontos e modos de articulação. Isto viabiliza inúmeras especializações nas denominações dos processos fonológicos, de modo que, por exemplo, uma posteriorização, como a

exemplificada há pouco, pode também ser denominada de velarização, pelo fato de o fonema alveopalatal ter sido substituído por um fonema velar.

Feita essa consideração final sobre as inúmeras denominações que os processos possam ter, não cabe ao presente trabalho destrinchar todas as demais possibilidades, bastando mencionar que esses processos são confirmados pela história, através de mudanças diacrônicas que foram objeto de gramáticas históricas. (Carvalho; Nascimento 1984; Coutinho 1976).

5. Sobre o *corpus*

Os exemplos utilizados para ilustrar os processos fonológicos apresentados na seção anterior foram obtidos através de uma pesquisa realizada numa turma de 1º série do Ensino Fundamental de Balneário Camboriú. Os sujeitos da pesquisa foram seis alunos indicados pela professora regente da turma.

Para a coleta dos dados, foi aplicada aos alunos sujeitos da pesquisa a *Bateria de Recepção e Produção da Linguagem Verbal* proposta por Sciliar-Cabral (2003a: 119). O objetivo da bateria, segundo a autora, “[...] é detectar sintomas mais evidentes sobre desvios na recepção oral e escrita e respectiva produção, a fim de que o professor possa encaminhar o aluno para exames mais acurados pelo especialista”.

Ao todo são nove os testes que compõem a bateria, aplicados nesta ordem:

- a) Testes de recepção oral: esses testes são subdivididos em recepção auditiva dos traços fonéticos do português do Brasil e em compreensão de frases, numa ordem crescente de complexidade.
- b) Testes de produção oral: são também subdivididos em produção oral de itens e de frases.

- c) Invenção a partir de uma seqüência de gravuras: objetiva testar os esquemas narrativos.
- d) Teste do reconto da estória “O galo vaidoso”: verifica esquemas narrativos (habilidades cognitivas de ordenação) e avalia as capacidades da memória imediata e operacional.
- e) Emparelhamento de palavras e frases escritas com gravuras: avalia a habilidade de o indivíduo perceber a oposição entre grafemas em pares mínimos.
- f) Produção escrita a partir de gravuras: objetiva averiguar a transposição de representações fonológicas para a escrita.
- g) Teste de correspondência fonológico-grafêmica: verifica a internalização de regras de codificação dos fonemas em grafemas através de logatomas.
- h) Teste de correspondência grafêmico-fonológica: foi elaborado a fim de detectar cinco dificuldades: a de articular o traço que diferencia os pares mínimos; a de perceber as distinções ocasionadas pelo traço de rotação ou combinatória de outros traços; adivinhação ou nome da letra; falta de domínio da regra de correspondência grafêmico-fonológica; e problemas fonoarticulatórios.
- i) Teste de leitura em voz alta e de compreensão de palavras: visa confirmar o desempenho nos testes anteriores quanto à descodificação, além da compreensão.

6. Desvios fonológicos

Como foi visto na seção 2, em que se mostrava como ocorre a aquisição das estruturas do componente fonológico, a criança, conforme vai descobrindo o sistema fonológico do adulto, vai construindo a estrutura interna de cada segmento da língua, de forma gradativa. Ao longo desse processo, as realizações fonéticas da criança “soam diferente do que se espera”, ou seja, soam diferentes das realizações dos adultos, o que pode ser visto na seção 4, em que foram apresentados os diversos processos fonológicos que ocorrem na fase de aquisição da língua.

Esta produção tida como incorreta por alguns autores remete à incômoda conclusão de que qualquer produção que fuja do esperado é desvio, levando a uma associação com erro. É importante, no entanto, destacar que a noção de desvio utilizada na fonoaudiologia refere-se a uma questão patológica, portanto clínica, e não a uma variação decorrente de fatores econômicos, sociais ou culturais. Esse esclarecimento torna-se essencial para que não haja interpretações equivocadas por parte de professores das realizações fonéticas dos seus alunos, por exemplo, o que ocasionaria (se é que já não ocasiona!) consequências desastrosas, num reforço do preconceito lingüístico existente em relação a variáveis sociolingüísticas de menos prestígio.

Hernandorena (1995: 102-103, sem grifo no original) salienta que, “[...] no caso de desvios, a estrutura [fonológica] incompleta parece ficar estagnada: só com o apoio terapêutico a criança é capaz de completar todas as estruturas que correspondem aos segmentos da sua língua”.

Grunwell elencou algumas características clínicas para estabelecer o diagnóstico do desvio fonológico. São elas:

- 1 – fala espontânea quase completamente ininteligível, resultante principalmente dos desvios consonantais;
- 2 – idade acima de quatro anos, isto é, superior à idade na qual a fala normalmente é inteligível a pessoas estranhas ao ambiente social imediato da criança. [...];
- 3 – audição normal para a fala;
- 4 – inexistência de anormalidades anatômicas ou fisiológicas nos mecanismos de produção da fala;
- 5 – inexistência de disfunção neurológica relevante à produção da fala;
- 6 – capacidades intelectuais adequadas para o desenvolvimento da linguagem falada;
- 7 – compreensão da fala apropriada para a idade mental;

- 8 – capacidades de linguagem expressiva aparentemente bem desenvolvidas em termos de abrangência do vocabulário e de comprimento dos enunciados [...]. (Grunwell 1990: 57).

A autora menciona repetidamente o aspecto da ininteligibilidade da fala da criança com desvios fonológicos. Alerta também para o fato de que há desvios de caráter articulatório (fonético, portanto), devido a patologias orgânicas, tais como fissura palatina, mas que não se pode confundir esse tipo de desvio com o de ordem fonológica. Nestes últimos, aqui abordados, a criança, mesmo desenvolvendo normalmente sua linguagem, no que se refere ao aspecto lexical, morfológico e sintático, por exemplo, serve-se de uns poucos elementos distintivos (fonemas, fones, traços, estruturas silábicas), tornando difícil a inteligibilidade do que fala.

Muitas vezes, conforme salienta Santos (1998: 36), além dos processos fonológicos já elencados na seção 4, crianças com desvios [...] podem apresentar processos incomuns, quer dizer, processos que não são comumente encontrados na aquisição normal da linguagem”, como redução de encontro consonantal atípica: “pobre” '! [‘p•Ri]; africação: “ursinho” '! [ur‘tSiøu]; desafricação: “tia” '! [‘SiCE]; e nasalização de líquida: “abelha” '! [a‘be]øa].

É interessante observar que, através da fala de Santos, os desvios identificam-se ou diferem-se dos processos fonológicos. O que parece diferenciar ambos é o tipo de processo. Os estudos sobre desvios fonológicos têm sempre o caráter clínico, sendo direcionados a fonoaudiólogos, e discutem abordagens avaliativas e tratamentos. Esses estudos, todavia, não deixam muito claras as diferenças entre processos fonológicos e desvios fonológicos, de modo que cabem a esta altura alguns questionamentos:

1 – Se, como pôde ser evidenciado através dos exemplos vistos, os processos fonológicos muitas vezes representam realizações

de muitas variedades sociolíngüísticas da língua, por que são sempre mencionados tão somente em fase de aquisição, de modo a parecerem “erros” em outra fase?

2 – Se a história confirma a presença desses mesmos processos fonológicos na evolução das línguas, e se a mudança lingüística constitui-se no processo de substituição de elementos num sistema lingüístico (Tarallo 2000) e não no resultado dessas substituições, como estabelecer o que é desvio e o que são “ensaios” de mudança no sistema fonológico da língua?

3 – Se é fato que inúmeros processos são realizados nas variedades sociolíngüísticas por sujeitos falantes adultos, e se, sendo assim, as características apontadas por Grunwell (1990) são atendidas, como estabelecer o que é desvio, necessitando, pois, de tratamento clínico, e o que é variação lingüística?

4 – O que se deve tomar como ininteligível, em se tratando de processos fonológicos e desvios?¹⁵

5 – Se a criança, devido à variação sociolíngüística à qual ela pertence, ou, ainda, a uma situação precária de aprendizagem e amadurecimento da consciência metafonológica, ainda realiza processos fonológicos, como decidir se ela necessita de um encaminhamento fonoaudiológico ou se a escola pode (ou deveria) trabalhar diferenças de variações da língua (padrão e não-padrão)?

6 – Com a falta de critérios mais rígidos no estabelecimento de desvios e “anormalidades”, não se pode incorrer no erro de biologizar fenômenos que deveriam ser tratados sob uma outra ótica, que não a clínica, numa medicalização de questões que podem, por exemplo, ser decorrentes de falhas de aprendizagem?¹⁶

7 – Se, de fato, existem pessoas que apresentam distúrbios em relação à aquisição das estruturas do componente fonológico, como identificá-las com precisão para que não se incorra numa rotulação equivocada de “anormalidade”, que certamente ocasionará problemas?

7. Considerações finais

Espera-se que o trabalho tenha alcançado o objetivo de introduzir alguns dos tópicos da fonologia a estudantes de Letras, Lingüística e Fonoaudiologia, assim como a professores que trabalham com o ensino de língua portuguesa. Após uma breve apresentação das fases de aquisição da linguagem, com foco nas estruturas do componente fonológico, foram abordadas as unidades do componente fonológico, a saber, fonema, fone e traço distintivo. Certamente a explanação necessitaria de um maior aprofundamento para ser completa, entretanto, um trabalho como este não comporta tais características.

Foram apresentados na seção 4 os principais processos fonológicos, ilustrados com exemplos retirados de pesquisa realizada pela autora, bem como de obras utilizadas como referência para o trabalho, quando o *corpus* da pesquisa não apresentava dado para o processo em foco.

Após a explanação dos processos, objetivou-se chamar a atenção de professores e estudantes das áreas já mencionadas para o cuidado que deve haver na definição de desvio fonológico. No que se refere aos questionamentos levantados na seção 5, não se tem a pretensão, num trabalho de caráter introdutório, de desconsiderar toda uma gama de estudos acerca do assunto já desenvolvidos que procuram dar conta de uma avaliação do quadro de desvios fonológicos de maneira competente e séria, até porque seria necessário um estudo mais aprofundado sobre o assunto para uma contribuição mais significativa.

O que se busca é alertar para uma confusão quase inevitável que pode haver, se não se olhar seriamente para o fenômeno em análise. Avaliar não é tarefa das mais simples. Quando envolve o estabelecimento de “rótulos clínicos”, a questão fica ainda mais melindrosa. Estudos apontam para uma tendente diagnosticalização das questões de aprendizagem. Vêem-se professores atribuindo a seus alunos as causas mais absurdas para problemas de que a própria escola deveria dar conta, como pôde ser evidenciado em pesquisa recente de onde foram coletados

muitos dos exemplos expostos neste artigo. Constata-se, ainda, a confusão que se perpetua no meio científico quanto às questões fonológicas, fonéticas e ortográficas.

Todas essas evidências fazem com que seja necessário o máximo de cautela ao se deparar com realizações fonéticas que fogem ao comumente realizado. Os questionamentos levantados, mais do que desconstruir toda uma gama de conhecimentos na área clínica fonoaudiológica, têm a intenção de alertar professores (e por que não, estudantes de fonoaudiologia?) para o caráter natural de tais fenômenos e para a difícil tarefa de avaliação dos chamados desvios fonológicos. Não se pode confundi-los com problemas de aprendizagem ou, ainda, variedade sociolingüística, de modo que não cabe a um professor estabelecer rótulos a alunos que manifestam sua língua falada diferentemente dos demais. Cabe, sim, a compreensão do que pode estar acontecendo e, se necessário, o encaminhamento a um profissional que terá (espera-se) o preparo necessário para lidar com eventuais distúrbios.

Referências Bibliográficas

- AIMARD, P. *A linguagem da criança*. Tradução de Francisco Vidal. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- ALVARENGA, D.; OLIVEIRA, M. A. Canonicidade silábica e aprendizagem da escrita. *Revista de estudos lingüísticos*, Belo Horizonte, ano 6, n. 5, V. 1, p. 127-158, 1997.
- BOONE, D. R. *Comunicação humana e seus distúrbios*. Tradução de Sandra Costa. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- CAGLIARI, L. C. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002. (Coleção idéias sobre a linguagem).

_____. *Fonologia do Português*: análise pela geometria de traços. 2. ed. rev. Campinas, SP: Edição do Autor, 1998. (Coleção espiral, V. 2; Série lingüística).

CÂMARA JÚNIOR, J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

CARVALHO, D. G.; NASCIMENTO. *Gramática histórica para o segundo grau e vestibulares*. 14. ed. São Paulo: Ática, 1984.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. *The Internal Organization of Speech Sounds. Unpublished Ms. University of Cornell*, 1993.

COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. A. *Preconceitos no cotidiano escolar: ensino e medicalização*. São Paulo: Cortez, 1996.

COLLINSCHONN, G. A sílaba em Português. In: BISOL, L. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 2. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

COUTINHO, I. de L. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976. (Coleção Lingüística e filologia).

CUPELLO, R. C. M. *A linguagem do meu filho*. Rio de Janeiro: Revinter, 1993.

DUBOIS, et al. *Diccionario de Lingüística*. Tradução dirigida e coordenada por Izidoro Blikstein. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

GRUNWELL, P. Os desvios fonológicos evolutivos numa perspectiva lingüística. In: YAVAS, M. S. (Org.) *Desvios fonológicos em crianças: teoria, pesquisa e tratamento*. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 1990. p. 51 - 80. (Série Novas Perspectivas, n. 32).

HERNANDORENA, C. L. M. Sobre a descrição de desvios fonológicos e de fenômenos da aquisição da fonologia. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, n. 4, v. 30, p. 91-110, dez. 1995. Edição especial, n. 102.

_____. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 2. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

JAKUBOVICZ, R. *Atraso de linguagem: diagnóstico pela média dos valores da frase (MVF)*. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

KATO, M. Aquisição e aprendizagem da língua materna: de um saber inconsciente para um saber metalingüístico. In: CABRAL, L. G.; MORAIS, J. (Org.) *Investigando a linguagem: ensaios em homenagem a Leonor Sciliar-Cabral*. Florianópolis: Mulheres, 1999.

LAMPRECHT, R. R. Desvios fonológicos em crianças. *Jornal da alfabetizadora*. n. 18, p. 3-6, [s.l.], 199?. Resenha.

LAROCA, M. N. de C. *Manual de morfologia do português*. 3. ed. rev. ampl. Campinas, SP/Juiz de Fora, MG: Pontes/UFJF, 2003.

LAUNAY, C. Desenvolvimento normal da linguagem. In: *Distúrbios da linguagem, da fala e da voz na infância*. Tradução de Maria Eugênia de Oliveira Viana. São Paulo: Roca, 1989.

SANTOS, R. M. Reincidência de desvios fonológicos na escrita de crianças. In: RCHESAN, I. R.; ZORZI, J. L.; GOMES, I. C. D. (org.) *Tópicos em fonoaudiologia*. São Paulo: Lovise, 1997/1998. V. IV, p. 33-47.

SCLiar-CABRAL, L. *Guia prático de alfabetização baseado em Princípios do Sistema Alfabético do Português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2003a.

_____. *Princípios do sistema alfabético do Português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2003b.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000. (Série Princípios, n. 9).

YAVAS, M. S.; LAMPRECHT, R. R. Os processos e a inteligibilidade na fonologia com desvios. In: YAVAS, M. S. (Org). *Desvios fonológicos na criança: teoria, pesquisa e tratamento*. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 1990. p. 231-249. (Série Novas Perspectivas, n. 32).

Notas

¹ Artigo monográfico elaborado como avaliação parcial da Disciplina de Fonologia do Curso de Pós-graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina, em nível de Doutoramento, ministrada pela Profª Dra. Teresinha Brenner no segundo semestre de 2003.

² Os períodos mencionados não são necessariamente os mesmos para todos os bebês, não havendo consenso, inclusive, entre autores, constituindo-se, portanto, numa aproximação didática.

³ Numa explanação simplificada, o traço da sonoridade constitui-se, dentre outros aspectos, da vibração ou não das pregas vocais no ato da emissão do som. Se há a vibração, como ocorre em /b/, o traço é [+ sonoro]; se não há, como ocorre em /p/, o traço é [- sonoro].

⁴ Entenda-se por segmento, aqui, o fonema, que se manifestará concretamente através de um fone.

⁵ A especificação dos traços está sendo feita com base em Cagliari (1998).

⁶ A Geometria de Traços apresenta um outro quadro de traços, de modo que os traços assimilados são [+abertura-3] e [+labial].

⁶ No português do Brasil parece haver realmente a sílaba constituída com /i/, diferentemente do que ocorre em Portugal, no caso, um apagamento da vogal na fala rápida.

⁷ Os logatomos são utilizados em testes psicolingüísticos, quando se busca o controle de variáveis intervenientes ao fenômeno que se quer estudar. Na bateria de testes aplicada a alunos de 1^a série do Ensino Fundamental, a leitura de logatomos auxilia a avaliar se, no processo de descodificação, o leitor está realmente aplicando as regras de correspondência grafêmico-fonológica, ao invés de se valer de adivinhanças e reconhecimento de vocábulos conhecidos. A crítica que se faz ao uso de vocábulos destituídos de significado em testes de leitura fortalece-se quando se percebe, pelo primeiro exemplo de metátese ([l]ut[OE] para a leitura do logatomo “latu”), que a criança busca atribuir um sentido para o que lê, provocando a troca. No entanto, desde que utilizados para finalidades específicas, num

planejamento consciente de atividades lingüísticas, os logatomos mostram-se de extrema relevância para investigações de processamento de linguagem.

⁸ Exemplo coletado pela autora.

⁹ Exemplos retirados da literatura.

¹⁰ A mesóclise ocorre quando o pronome pessoal oblíquo é colocado no meio do verbo, quando ele se encontra conjugado no futuro do presente ou do pretérito e não há na frase nenhuma partícula que atraia o pronome para a posição proclítica (anterior ao verbo) (cf. gramáticas normativas em geral).

¹¹ Exemplo coletado pela autora.

¹² Para mais esclarecimentos sobre vocábulo fonológico e vocabulário formal, recomenda-se a leitura de Câmara Júnior (1997) e Laroça (2003).

¹³ A existência de ditongos crescentes não é consenso entre os estudiosos, mas não cabe ao presente artigo abordar esta questão.

¹⁴ Com exceção do exemplo da letra *cj*, obtido em Santos (1998), todos os demais foram coletados pela autora.

¹⁵ Para mais clareza sobre a questão da inteligibilidade, ver Yavas e Lamprecht (1990).

¹⁶ Para mais clareza sobre a biologização e a medicalização na escola, ver Collares e Moysés (1996).